

QUEM EM MIM NARRA O QUE VIVO?

RASCUNHOS FRAGMENTADOS DE UM SUPOSTO SI. PALAVRAS PARA SEREM LIDAS EM VOZ ALTA.

Soraya Jorge*

(Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa)

soraya@movimentoautentico.com

RESUMO

Essa pergunta abarca muito do que atormenta meus estudos desdobrados **na** experiência do movimento do corpo e da palavra encontrada que cria e recria o vivido vivo **da** experiência. Falar da experiência é falar de si? Como atravessada, atravesso em mundo, já sem nome, mas em pura experiência compartilhada? O “eu” não pode ainda ser tirado de mim. Quem então viveria esse mar de sensações, que dança no prazer e no horror de uma estória? A crítica à subjetividade não pode ser reduzida a uma liquidação do sujeito. Na tensão de um **si** forasteiro, encorpa como contorno e contágio, concentra e dispersa em espremendo o nascimento talvez de um sujeito. A experiência já digestada em células, ossos, percorre o fluxo sanguíneo se distanciando, podendo então ser narrativa. Escrita que não sabe mas que procura. Sem fim. Sou impulsionada a inventar, movimento, palavras, ações para a possibilidade ou impossibilidade de contar a experiência em uma autobiografia.

PALAVRAS-CHAVE: autobiografia, si, sujeito,

QUEM EM MIM NARRA O QUE VIVO?

“Follow your questions”, diz Janet Adler, mestra do Movimento Autêntico.

As perguntas nunca terminam. No repouso dormem novos trovões.

Não só costuro os fios das experiências como vou sendo agenciada até criar teias. E assim envelheço em uma morada no mundo. Numa teia de aranha.

Quem em mim narra o que vivo?

“Ela se agita, se aquieta, profunda deseja ceder a pele e nela tudo de um dentro desassossegado, inquieto. Mas seu corpo também transparece silêncio, um grave movimento de ventre.

Tem se coçado muito. Uma vermelhidão aparece em sua pele hoje muito branca se comparada aos tempos em que era nadadora. Longe das piscinas, muda sua rotina vivendo novos lugares na cidade e no seu corpo. Essa que sou eu precisa ser vista de longe para ser testemunhada. Torna-se estrangeira e testemunha o próprio processo. A dobra de fora.

À distância, desenha muitas outras. Diversas no sexo, no gênero, na fisicalidade de homem e mulher. Ela se sente separada e misturada, com todas as possibilidades colocadas, mesmo quando se pega surpreendida pelos acontecimentos. Tinha se acostumado a tocar seus ossos e reconhecer com certa clareza sua estadia. Cada dia se torna, mais ainda, campo de pesquisa.”

*As passagens no texto em itálico é a presença de uma narradora, além daquela que escreve o artigo.

Como diz Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

“Acho que falei isso em um debate antigo qualquer. Mas repito. “Está na hora de a gente trocar a "prosa do mundo" pela poesia do mundo. Queria dizer: viver em poesia antes que viver em prosa, viver no mundo como a poesia vive na linguagem. Poesia ocupa menos espaço, se preocupa com a medida, vive da intensidade, recicla e multiplica os recursos da língua, entende a relação entre matéria e forma de modo muito mais imanente que a prosa (falo da prosa prosaica, é claro). Enfim, viver em poesia é viver o máximo usando o mínimo.” (CASTRO, data não encontrada).

Parece-me que no ponto de tensão entre a poesia e a prosa, de corpos espremidos, como em um parto, de cor roxa rosado, cheio de dobras, em sons e retorções é todo o olhar mundo. Como as aranhas de oito olhos. Como o bebê que vê com toda sua pele.

“Que direito tem o meu presente de falar do meu passado?” (BARTHES, p.56).

“Ela, essa, mais uma outra, vinda de uma família com pouco contato com as artes, desde cedo percorria as brechas sem a consciência de que nela habitava. Sofria o espaço apertado, sem espaço para o tal jeito corpo e ao se sentir exprimida foi se compreendendo compactada e em espaços maiores, confusa, por não conseguir encontrar impulsos, desejos.

Mas estranhamente as brechas que tentava adentrar, mesmo apertadas, eram aproveitadas na busca da arte que estava ao seu alcance. Na biblioteca do colégio de freiras encontrou Fernando Pessoa e até mesmo Clarice Lispector. Manuel Bandeira e muitos outros autores. Com as freiras conversava sobre deus e com muita curiosidade queria entender a intensidade que observava em suas escolhas, a das freiras. Como podia alguém abdicar de uma vida por uma outra com tanta disciplina e convicção, pensava. A vida fora dos conventos também não parecia tão interessante assim, ou não.

Era atraída pela dança, pelos livros, pelo êxtase que os tambores do carnaval proporcionavam e pelas conversas espirituais com seu pai.

O fio que se tecia era agenciado, construído em um constante acompanhar das sensações. Com as sensações fazia corpos. Com as sensações fazia dança. Era a experiência que a coisa se fazia viva, qualquer coisa.”

O pressuposto básico é o de que a mudança baseia-se na experiência vivida. Compreender, explicar ou narrar algo verbalmente, por sí só, não é suficiente para provocar alterações. É preciso também que haja uma experiência real, um acontecimento vivido subjetivamente. Um acontecimento precisa ser vivido, com sentimentos e ações ocorrendo em tempo real, no mundo real, com pessoas reais, num momento de presentidade.

“Dois exemplos simples de uma experiência vivida são: olhar nos olhos de outra pessoa que está olhando prá você e respirar fundo enquanto

está falando com alguém. Ambas são ações com sentimento."
(STERN, p.13).

“Fala de corpo. De experiência. De existência. De percurso. De lapsos. De intervalos e de vazios. De encontros e de vertigem. De movimento e de espaço. De paixão. De pele e de intestino. De angústia. De alargamento. De muitos ossos. De olhos. Do pequeno. Do pensamento. Das linhas. Da esfera. Dos afetos. De nós. Das dobras. (Do entre. Do dentro aflora. Quem sabe fora)”

Hubert Godard, pesquisador, professor do departamento de dança da Universidade de Paris 8, em uma entrevista para Patricia Kyupers na revista online, Percevejo, afirma:

"É óbvio dizer que eu não percebo a realidade, eu a percebo através do filtro da minha história. Há uma pré-concepção do objeto que estou olhando ou uma preconcepção do movimento que vou fazer. Existem já coordenações inscritas".

Para ele, perceber os padrões de movimento ao deixá-los acontecer e ao mesmo tempo contê-los, inibi-los é a possibilidade da criação de outros gestos, de novo vocabulário, novas construções de existência.

Como se manter em estado de tensão entre a primeira e a terceira pessoa, do singular e do plural, nesse estado atritante / estranho e até mesmo acolhedor porque posso me esconder nas generalizações ou no próprio umbigo? O que expressa e o que contém impulso de movimento fazem parte

do mesmo paradoxo que é a experiência viva. Um gozo que jorra e lava o encontro. A larva de um vulcão que queima na água provocando fumaça e muita luz. Presença de todos os elementos. Evento que vivi na ilha grande do Havai.

Corpo presente, aquele que vive o paradoxo em pequenos instantes. Sem oposições, mas a presença de muitos contrários, o paradoxo vive em mim como um filete de movimento com intensa reverberação.

Volto a minha estória toda vez que me coloco para criar conceitos ou reconhecendo-os em minha prática, a ação de me aventurar.

Nos dicionários da Língua Portuguesa, o aventureiro é uma pessoa que baseia a sua vida em atos arriscados. Aventura é comumente relacionada ao ato de explorar. Algo como um local selvagem, urbano, inóspito ou povoado

“Com uma rápida decisão que elimina qualquer dúvida, os exigentes exercícios corporais são um ótimo início para um programa de filosofia básica”. (SERRES, p.12). Um instigante encontro, de uma separação entre teoria e prática, que durante tempos, para alguns, gerou muita saudade.

Referências Bibliográficas:

- ADLER, Janet. "Preface". In: *Offering from the Conscious Body – The discipline of Authentic Movement*, Rochester, Vermont. Ed. Inner Traditions, 2002.
- CASTRO, Eduardo Viveiros. <https://www.facebook.com/eduardo.v.decastro?fref=ts>
- JOHNSON, Dom Hanlon. *Boné, Breath & Gesture. Practice of Embodiment*. CA. Ed. North Atlantic Books, 1995.
- KYUPERS, Patricia. *Black Holes: An Interview with Hubbert Godard*.
Tradução de Joana Ribeiro da Silva Tavares e Marito Olsson-Forsberg:
Buracos Negros: Uma entrevista com Hubbert Godard. O Percevejo Online. Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO, v.02, n.2, 2010. Disponível em <<http://seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline>>. Acesso em: 8 de outubro 2014.
- SERRES, Michel. *Variações sobre o CORPO*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2004.
- STERN, Daniel N. *O Momento Presente. Na Psicoterapia e na Vida Cotidiana*. Rio de Janeiro, RJ. Record, 2007.

